



SOCIEDADE ABERTA

Prisioneiros da crise



Domingues de Azevedo

Bastonário da
Ordem dos Técnicos
Oficiais de Contas

Portugal e os portugueses viveram, na passada semana, mais um aniversário da revolução de abril. Confesso que não me recordo de umas comemorações ao mesmo tempo tão mornas e polémicas como estas, relativas ao 38.º aniversário de uma data que transfigurou o rumo do país.

Bem sei que o contexto é de emergência social e ao sabor de um governo que toca a música a um ritmo ainda mais acelerado do que o ditado pela “troika”. Mas o que continua a intrigar-me é o modo conformado e adormecido como os portugueses se comportam. Parecemos em “piloto automático” e encolhemos os ombros quando confrontados com mais medidas de austeridade ou com a indigna taxa de desemprego a que chegámos. Os portugueses dão mostras de estarem prisioneiros desta crise. Parece missão impossível mobilizar energias.

Tenho percorrido Portugal de norte a sul, bem como as regiões autónomas, num ciclo de conferências promovido pela Ordem e tenho constatado que há um país empreendedor e gerador de riqueza que não passa nas notícias. Há um maravilhoso país de personalidades excepcionais por revelar, muito para além de Mourinho e de Cristiano Ronaldo. O que é bom neste país permanece como que oculto por um biombo que filtra apenas tudo o que se relaciona, direta ou diretamente, com a crise. A gestão política da situação de emergência em que estamos mergulhados também não tem sido completamente feliz. Descoordenações de comunicação à parte, o executivo insiste que não há mais medidas de austeridade, mas quase todos os dias temos notícias de situações que são mais um fardo ao já de si pesado dia a dia. O caso da taxa às empresas de distribuição alimentar é disso exemplo. Não será difícil prever que a fatura vai recair no ato quotidiano dos portugueses gerirem o seu carrinho de compras nas deslocações ao supermercado.

As próprias confiantes previsões anunciadas na segunda feira pelo ministro Vítor Gaspar podiam levar os portugueses a esboçar um leve sorriso de esperança, mas a nuvem de incertezas que as envolve só contribui para acentuar a indiferença.

Aliás, a experiência diz-nos que as projeções mais otimistas dos economistas e dos homens das finanças conseguem errar mais do que as previsões feitas pelos profissionais da meteorologia. Para funcionários públicos e pensionistas saber que só em 2018, na melhor das hipóteses, terão os seus subsídios repostos de forma integral é, no mínimo, uma eternidade. Esperemos que este anúncio não seja uma forma subtil de alimentar falsas ilusões, até porque o contexto interno e externo foi severamente condicionado nos últimos meses: por cá, o nível do desemprego e a negativa evolução das receitas fiscais, enquanto no exterior os alarmes tocaram com o agravamento da situação espanhola. O primeiro-ministro Rajoy garante que vai sair do «buraco», só não sabe é quando. Nem Portugal sabe muito bem se regressa aos mercados em setembro de 2013. Talvez, com alguma probabilidade, eventualmente. A única certeza, agora com o próprio governo a reconhecer, é que a austeridade não é a cura para todos os problemas. ■

Artigo redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico